

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

CARLA FIGUEIREDO MENDES

**PROJETO ÁGUA VIVA – INTERVENÇÃO SÓCIO-
CULTURAL E INFLUÊNCIA SIMBÓLICA POR MEIO
DA COMUNICAÇÃO**

VIÇOSA

2007

CARLA FIGUEIREDO MENDES

**PROJETO ÁGUA VIVA – INTERVENÇÃO SÓCIO-CULTURAL E
INFLUÊNCIA SIMBÓLICA POR MEIO DA COMUNICAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.
Orientador: Kátia Lourdes Fraga.

VIÇOSA

2007

CARLA FIGUEIREDO MENDES

**PROJETO ÁGUA VIVA – INTERVENÇÃO SÓCIO-CULTURAL E
INFLUÊNCIA SIMBÓLICA POR MEIO DA COMUNICAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

APROVADA EM 04 DE DEZEMBRO DE 2007.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª Ms. Kátia de Lourdes Fraga
Universidade Federal de Viçosa
Orientadora

Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes
Universidade Federal de Viçosa

Leonardo Vilaça Dupin
Jornalista

A meus pais, Carlos Alberto e Laura, pela oportunidade, confiança, dedicação e amor incondicional.

A meu noivo, Leonardo, pelo amor e apoio em todos os sentidos.

A meus colegas de turma e professores, por terem tornado tão prazerosos esses quatro anos de graduação.

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo verificar de que forma o Projeto Água Viva (PROAV) se utiliza de práticas comunicacionais ao disseminar suas ideologias através do trabalho sócio-cultural, educativo e religioso em comunidades carentes. Para este fim, é necessário compreender o poder simbólico que a comunicação exerce na sociedade, desde seu processo de produção, até a codificação por parte dos receptores, no caso, a comunidade visitada. Dessa forma, discutimos se há um intercâmbio de conhecimentos ou se a comunicação se constrói de maneira unilateral, bem como se o processo de intervenção sócio-cultural realizado pelo PROAV leva em conta, ou não, a valorização da cultura e da identidade locais.

Palavras chave: Comunicação, Comunidade, Poder simbólico, Identidade, Mobilização Social.

“[...] a democracia é uma cosmovisão, o que quer dizer que ela é uma forma de ver o mundo. Uma forma que aceita cada pessoa como fonte de criação de ordem social. A democracia não pode ser imposta, tem que ser quotidianamente construída. Ela é fruto da decisão de uma sociedade, que acredita que é possível criá-la, a partir de uma unidade de propósito e do respeito pelas diferenças”.

José Bernardo Toro e Nísia Maria Duarte Werneck

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CAPÍTULO I	
<i>Projeto Água Viva e suas estratégias de atuação – panorama teórico</i>	12
3 CAPÍTULO II	
<i>As três principais vertentes: um mapeamento das práticas do PROAV</i>	27
3.1 Da preparação do trabalho.....	27
3.2 Vertente sócio-cultural.....	28
3.2.1 Oficinas.....	28
3.2.2 Bazar.....	29
3.2.3 Cuidados com a saúde e higiene.....	30
3.2.4 Campeonato de Futebol.....	30
3.3 Vertente educativa.....	30
3.3.1 Palestras.....	30
3.3.2 Teatro.....	32
3.4 Vertente religiosa.....	33
3.4.1 Atividades com crianças.....	33
3.4.2 Cultos.....	33
3.4.3 Banda.....	34
3.4.4 Visitas às famílias.....	34
3.4.5 Filme “Jesus”	34
4 CONCLUSÃO	36
5 BIBLIOGRAFIA	38
6 ANEXOS	39

1- Introdução:

“Quando a sociedade começa a entender que é ela que constrói a ordem social, vai adquirindo a capacidade de auto-fundar a ordem social, de construir a ordem desejada, vai superando o fatalismo e percebendo a participação, a diferença e a deliberação de conflitos como recursos fundamentais para a construção da sociedade. [...] A participação é o modo de vida da democracia”.

José Bernardo Toro e Nívia Maria Duarte Werneck

A vida em comunidade requer um respeito mútuo, sobretudo, às diferenças individuais. Para alcançarmos uma convivência harmônica no nível macro, devemos começar a agir no nível micro, nas pequenas relações cotidianas. O ideal seria que todos tivéssemos a consciência de que podemos modificar a realidade em que vivemos, que possuímos o poder de ação social, e não apenas ficássemos à mercê do Estado, dos grandes detentores de capital ou das instituições sociais.

Vivemos em um país que, como tantos outros, abriga muitas disparidades, tanto sociais quanto econômicas, e o Estado não consegue suprir as necessidades principalmente das pessoas que “lotam” as estatísticas dos menos favorecidos. Enquanto uma pequena parcela da população esbanja conforto e poder aquisitivo, outra muito maior passa por problemas como fome, más condições de saneamento, desemprego, dentre tantos outros. No intuito de amenizar a gravidade da situação em que vivem esses indivíduos, cresce, a cada dia, o número de organizações não governamentais, empresas privadas, cidadãos civis e processos de intervenção social que se mobilizam em torno de várias causas. Alguns se preocupam com a integridade física dos menos favorecidos e outros se propõem a assegurar sua saúde mental. Este trabalho aborda um exemplo de processo de intervenção social.

Os processos de intervenção social, para obterem êxito, lançam mão de ações como, por exemplo, o esforço para mobilização social e o exercício de práticas de poder. Exercer poder não quer dizer, necessariamente, manipular, coagir. Qualquer relação social envolve poder e, no caso deste trabalho, o principal poder em questão é o poder simbólico. Entretanto, o indivíduo, instituição ou grupo que pretende desenvolver, numa dada comunidade, qualquer tipo de trabalho em busca de um objetivo pré-definido, deve ter em mente a necessidade do respeito à cultura e valores locais, para que sua intervenção venha a somar conhecimentos de fato importantes para “a coletividade”.

Muitos projetos de mobilização social têm esse objetivo, quando buscam comunidades para atuarem, e a comunicação tem um papel social fundamental no reforço, construção ou

modificação das noções de identidade e cidadania de uma população. Segundo José Bernardo Toro e Sandra Werneck,

[...] o projeto de comunicação de um processo de mobilização tem como meta o compartilhamento, o mais abrangente possível, de todas as informações relacionadas com o movimento, o que inclui desde os objetivos, as informações que justificam sua proposição, até as ações que estão sendo desenvolvidas em outros lugares, por outras pessoas, o que pensam os diversos segmentos da sociedade a respeito das idéias propostas, etc (TORO; WERNECK, 1997, p.55).

Dessa forma, um processo de intervenção social que sabe se utilizar bem de técnicas e estratégias de comunicação tem o seu trabalho facilitado e mais chances de obter sucesso. Um exemplo de trabalho de intervenção social que se utiliza vastamente de técnicas de comunicação social para alcançar seus propósitos, e que é nosso objeto de estudo nesta monografia, é o Projeto Água Viva (PROAV). Idealizado pela Igreja Presbiteriana de Viçosa e tendo como principal idealizador e coordenador o pastor evangélico e professor do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa, João Tinoco Pereira Neto, o PROAV trata-se de um projeto sócio-ambiental e de evangelização, e é registrado na Universidade Federal de Viçosa como um Estágio de Vivência, que consiste, basicamente, em um trabalho organizado por um grupo e implantado em alguma comunidade durante um período de tempo determinado, com o objetivo de trazer benefícios à comunidade visitada e formação pessoal às pessoas que participam do Estágio de Vivência.

Criado em 2002, o PROAV já fez cinco viagens e visitou 11 comunidades, entre municípios, tribos indígenas e assentamentos sem-terra, sempre com o objetivo de levar ao povo pobre do sertão atividades profissionalizantes, culturais, educativas e também evangelizadoras. Este tipo de trabalho é chamado por eles de Missão Integral, que visa, segundo seus organizadores, alcançar o homem de forma integral: espiritual e materialmente. Ou seja, busca proporcionar melhores condições de vida e inclusão social ao mesmo tempo em que a mensagem religiosa é difundida de diversas formas, sempre contando com práticas comunicativas para esse fim. Este trabalho de Conclusão de Curso trata dessas técnicas comunicacionais utilizadas pelos integrantes do PROAV, levando-se em consideração sua última viagem, que teve como destino a cidade de Coronel José Dias, no sudeste do Piauí.

Considero importante a escolha deste tema porque participei da equipe de produção do documentário sobre a última viagem do Projeto, na cidade de Coronel José Dias, quando acompanhei de perto esse processo comunicacional, que me despertou a atenção sobre as práticas adotadas na referida comunidade. Percebi que seus participantes utilizam diversas

práticas de comunicação social para atingirem os objetivos do projeto, desde a comunicação interpessoal (cursos, conversas, palestras) até os meios de comunicação de massa como o rádio, por exemplo. Os moradores da cidade atuam, basicamente, como meros receptores de todo o trabalho – mas isso não quer dizer que recebam as mensagens com passividade, apesar do pouco grau de instrução da grande maioria.

O povo nordestino é provido de uma cultura muito peculiar, marcada quase sempre pela religiosidade e, muitas vezes pela fé bastante sincrética. Isso devido à pluralidade de culturas que, por meio da miscigenação colonial fez com que o povo do nordeste – que constitui apenas um exemplo do que se pode perceber em todo o Brasil – fosse marcado por uma riqueza cultural e histórica tão importante. Projetos como o Água Viva devem ter o devido cuidado para que seu trabalho não seja impositivo ideologicamente.

Diante deste fato, considerei importante desenvolver uma pesquisa sobre essa forma de comunicação e sua intervenção na comunidade local, nos seus costumes e valores enquanto cultura. A partir daí, foram realizadas várias entrevistas com participantes do Projeto e com moradores da cidade de Coronel José Dias, com o objetivo de entender melhor os objetivos do Projeto, como são produzidas suas mensagens e como a população enxerga esse trabalho. Essas entrevistas foram incluídas no documentário que segue em anexo.

Para realizar o trabalho, a equipe do Projeto viajou cerca de 36 horas de ônibus até a cidade, localizada em pleno sertão nordestino. A seguir, algumas informações sobre a formação do grupo e a realidade do município visitado.

Cada edição do PROAV é composta por uma equipe coordenadora e por aproximadamente 25 universitários que, voluntariamente, pagam uma taxa de inscrição para integrarem o Projeto. Todas essas pessoas (salvo pouquíssimas exceções) são evangélicas, de várias denominações, mas principalmente a presbiteriana. É realizado, durante seis meses, um treinamento com esses integrantes - que podem ou não variar de edição a edição – para que aprendam como funciona o projeto e ajudem a elaborar as atividades a serem levadas à próxima comunidade. O treinamento é feito em Viçosa sem a participação de nenhum membro da comunidade a ser visitada. As viagens são nos períodos de férias da UFV e duram, em média, 25 dias. Para os integrantes, a motivação maior de se realizar o Projeto é levar a fé em Jesus Cristo ao maior número de pessoas possível.

O último município anfitrião, Coronel José Dias (PI), possui uma população de 4.416 habitantes (IBGE 2000) e tem como base de sua economia a caprinovinocultura (criação de caprinos e ovinos), pequenos comércios e apicultura. Sua área territorial é de 1789 Km² e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município é 0,580 (considerado médio).

O IDH é elaborado e medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) a partir de indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (PIB per capita). O índice classifica o desenvolvimento das localidades de 0 a 1, da seguinte forma: de 0 a 0,499, desenvolvimento baixo; de 0,5 a 0,799 desenvolvimento médio; de 0,8 a 1, desenvolvimento alto. O PNUD é um órgão da ONU que tem por mandato promover o desenvolvimento e eliminar a pobreza do mundo. Entre outras coisas, o PNUD produz relatórios sobre o desenvolvimento sustentável e as condições de vida das populações, bem como executa projetos que contribuam para melhorar essas condições de vida, nos 166 países onde possui representação¹.

Embora o IDH do município seja considerado de desenvolvimento médio, as condições que encontramos no local transparecem uma realidade bem menos otimista: falta d'água, animais como porcos e cabritos soltos pelas ruas, casas em péssimas condições, alta concentração de animais peçonhentos, comércio fraco, grande índice de desemprego e gravidez precoce, baixas condições de higiene, saúde pública precária, dentre outros aspectos. Algumas atividades do Projeto, que serão analisadas mais a fundo na monografia, visam conscientizar a população acerca desses problemas.

A presente pesquisa tem como objetivo principal verificar de que forma os participantes do Projeto Água Viva utilizam as práticas comunicacionais ao disseminarem suas ideologias através do trabalho sócio-cultural, educativo e religioso em comunidades carentes.

Para este fim, é necessário compreender o poder simbólico que a comunicação exerce na sociedade, desde seu processo de produção, até a codificação por parte dos receptores, no caso, a comunidade visitada. A intrínseca relação entre comunicação, identidade e cidadania é um ponto forte na tentativa de se estabelecer um estudo que consiga traçar os passos do Projeto em seu trabalho de intervenção, que possui não somente um caráter social, mas, sobretudo, cultural e ideológico.

As impressões acerca das práticas adotadas em atividades como os teatros, palestras e oficinas oferecidas aos moradores locais e também a análise de como o Projeto leva mensagens religiosas aos moradores e, sutilmente, os convida a participar da igreja evangélica, são também pontos importantes deste trabalho. Para a fundamentação teórica do trabalho, foram fundamentais bibliografias relativas ao poder simbólico que a comunicação

¹ Informações encontradas em (<http://www.pnud.org.br/pnud>).

exerce na sociedade, desde seu processo de produção, até a codificação por parte dos receptores, no caso, a comunidade visitada.

Todo esse processo incumbe-se de levantar a maneira como são construídas as mensagens simbólicas a serem compartilhadas com a comunidade – se de maneira democrática ou não, unilateral ou com participação da comunidade-alvo do trabalho – bem como de que maneira é feito esse compartilhamento – de que forma se comportam os cidadãos locais frente aos novos conteúdos apresentados.

No Capítulo I faremos a apresentação de alguns conceitos considerados importantes para maior compreensão do nosso objeto, a partir de questões teóricas como “mobilização social”, “poder”, “poder simbólico”, “cultura” e “identidade”, entre outros referenciais teóricos utilizados no decorrer deste estudo. Esta parte do trabalho constitui um espaço para que possamos amalgamar os conceitos apresentados acima, com os processos comunicativos aos quais recorre o Projeto Água Viva, para que se compreenda como a comunicação, tanto oral quanto de massa, pode representar um canal por meio do qual são disseminadas as ideologias do Projeto e como a experiência comunicativa é capaz de mobilizar os membros da comunidade levando em conta, ou não, o respeito à sua cultura e identidade coletiva.

O Capítulo II funciona como um espaço de aprofundamento nas práticas quotidianas do Projeto. Essa parte do trabalho, essencialmente descritiva, expõe a atuação do grupo perpassando por todas as suas vertentes: a sócio-cultural, a educativa e a religiosa. Este capítulo tem suas principais bases fundadas em dados colhidos empiricamente durante a viagem do Projeto à cidade de Coronel José Dias-PI, além de entrevistas com os seus membros. Todo esse processo incumbe-se de levantar a maneira como são construídas as mensagens simbólicas a serem compartilhadas com a comunidade – se de maneira democrática ou não, unilateral ou com participação da comunidade-alvo do trabalho – bem como de que maneira é feito esse compartilhamento – de que forma se comportam os cidadãos locais frente aos novos conteúdos apresentados.

Na última parte, a Conclusão, serão explicitados os resultados da pesquisa acerca das estratégias de comunicação do Projeto Água Viva durante sua atuação e de seu papel influente na concepção de cidadania e no reforço (ou modificação) da identidade individual e de grupo dos membros da coletividade.

2- Capítulo I

Projeto Água Viva e suas estratégias de atuação – panorama teórico

Este capítulo tem o objetivo de apresentar alguns conceitos considerados essenciais para a compreensão das estratégias de atuação do Projeto Água Viva (PROAV) nas comunidades que percorre, bem como seus possíveis efeitos na coletividade. A intenção é também oferecer subsídios para que se compreenda como a comunicação representa, para a equipe do Projeto, uma forma de difundir suas idéias e valores, além de mobilizar a população em torno de um objetivo comum: a realização das atividades sociais, educativas, ambientais e religiosas do Projeto em questão.

O primeiro conceito que merece nossa atenção é o de *comunidade*. Sem a definição do que seria uma comunidade não poderíamos discutir a atuação do Projeto. Ultimamente a mídia se utiliza de maneira exaustiva do termo comunidade, especialmente em propagandas institucionais. Bruno Leal diz que, por meio de eufemismos as favelas são “transformadas” em “comunidades” pela linguagem midiática, sobretudo em épocas de festa como o Carnaval, por exemplo. Um caso prático explicitado pelo autor é a publicidade “[...] do projeto ‘Amigos da Escola’, que traz duas crianças afirmando a importância do voluntariado, convocando pessoas a se engajarem em atividades nas escolas e destacando que os efeitos benéficos alcançam pessoas, família, escola e a sua *comunidade*” (LEAL, 2006, p. 183). O autor ressalta que, por isso, muitas vezes a concepção de comunidade é mal-interpretada pelo grande público. É senso comum pensar que o simples fato de uma localidade reunir um número considerável de indivíduos já faz dela uma comunidade; todavia, vários autores defendem outro sentido para definir o que é *comunidade*.

De acordo com Leal, a noção de comunidade, grosso modo, pode ser definida como:

[...] um grupo de pessoas vinculadas umas às outras por tradição e laços de solidariedade. Estes comporiam o ‘chão’ ou o repertório comum que possibilitaria e, ao mesmo tempo, constituiria sua identidade, por sua vez elaborada, também, através do diálogo mais ou menos intenso, mais ou menos controlado, com outras comunidades, algumas ‘inimigas’. Assim vistas, as relações comunitárias constituem, então, formas de enraizamento dos indivíduos, tanto na coletividade como no território que ocupam, o que condiciona inclusive o contato com os outros grupos. Além disso, a comunidade seria uma forma de garantir a sobrevivência desse grupo, ou seja, possibilitaria condições de vida a todos diante de duras circunstâncias, naturais ou não (LEAL, 2006, p. 183-184).

Para Raquel Paiva todas as noções de comunidade, por mais que sejam provindas de autores diferentes, vêm, de uma forma geral, associadas a termos como “território”,

“solidariedade”, “igualdade”, “identidade”, “tradição” (PAIVA, 1998). Esses preceitos são essenciais para que uma comunidade conserve sua essência enquanto grupo, e a comunicação tanto oral quanto por meio de mídias comunitárias tem papel importante na contemporaneidade. A proposta de uma maior interação comunicativa entre a comunidade, segundo explica Raquel Paiva, “[...] surge como nova possibilidade de sociabilização, com o propósito de fazer frente ao modelo econômico em que o número de excluídos parece cada vez mais ampliado [...]” (PAIVA, 2003, p.26). A comunicação, nesse caso, democratiza a informação e proporciona uma interpretação do mundo e uma intervenção no real “[...] em que se prioriza o local, o regional, o contato” (PAIVA, 2003, p.26).

Um outro conceito-chave para a compreensão da natureza do trabalho do PROAV na comunidade de Coronel José Dias é o de “mobilização social”, amplamente discutido por José Bernardo Toro e Nísia Maria Duarte Werneck em seu livro *Mobilização Social - um modo de construir a democracia e a participação*. Para os autores, “[...] mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados” (TORO; WERNECK, 1997, p.11). Essa convocação de vontades consiste, segundo os autores, em “[...] convocar discursos, decisões e ações no sentido de um objetivo comum, para um ato de paixão, para uma escolha que ‘contamina’ todo o cotidiano” (TORO; WERNECK, 1997, p.11).

Contudo, há alguns princípios para que um trabalho possa ser considerado verdadeiramente de mobilização social, como, por exemplo, unir a sociedade em busca de um projeto de futuro, que deve ser construído e fortalecido dia após dia. Segundo Toro e Werneck, “[...] se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente” (TORO; WERNECK, 1997, p.11-12).

Vendo por este viés, o trabalho do PROAV possui algumas características de um processo realmente de mobilização social, e outras que o delegam uma outra conotação. Apesar de o Projeto reunir a comunidade, ou parte dela, em torno de um objetivo, este é mais pertencente ao Projeto do que à comunidade. Os moradores locais participam das atividades, muitas vezes, porque vêm nelas algo que possa lhes beneficiar de alguma forma, ou até mesmo um lazer, um evento social que chega à cidade.

Isso ocorre porque a população das cidades visitadas recebe o trabalho do Projeto, mas não é consultada previamente para que se saiba as suas reais necessidades. A chegada do Projeto não é precedida de nenhum processo de conscientização dos membros da coletividade

e nem mesmo lhes são dadas informações acerca da vinda do PROAV, tampouco de seus objetivos e princípios.

José Luiz Aidar Prado, em seu livro *Lugar global e lugar nenhum: ensaio sobre democracias e globalização*, afirma que todo indivíduo “[...] deve se posicionar diante da diversidade de costumes, de hábitos, de crenças e de práticas que simultaneamente coabitam o quadro de universalização de valores” (PRADO, 2001, p. 80). Tendo isto em vista, o processo de mobilização social, por princípio, requer um respeito mútuo às diferenças e valorização dos membros da comunidade como cidadãos.

Segundo José Bernardo Toro e Werneck, realizar um trabalho de mobilização social é, sobretudo,

[...] construir com todos, inclusive com os pobres, uma ordem social onde todos possamos conviver e ser produtivos econômica, política, cultural e socialmente. Uma sociedade é democrática e produtiva quando todos os que dela participam podem fazer competir organizadamente seus interesses e projetar novos futuros[...] (TORO; WERNECK, 1997, p. 26-27).

Todavia, é pertinente destacar que mobilização social não é o mesmo de comunicação social, embora a segunda possa ser, ou não, utilizada para a realização da primeira. Apesar de haver falhas de comunicação – devido à sua pouca democratização - entre o PROAV e as comunidades, os meios de comunicação são amplamente explorados em todas as vertentes de atuação do Projeto. Através da divulgação da mobilização e de seus objetivos,

[...] a comunicação social contribui para ampliar as bases do movimento dando-lhe abrangência e pluralidade. Essa é uma das condições de sucesso de uma mobilização e a diversidade só é alcançada onde há uma eficaz divulgação dos propósitos do movimento e de como dele participar (TORO; WERNECK, 1997, p.56).

A divulgação desses preceitos exige não só um esforço para a obtenção dos meios através dos quais serão veiculadas as mensagens. A união de pessoas em busca de um fim específico é, antes de tudo, um processo de *persuasão*. Como explica Adilson Citelli no livro *Linguagem e Persuasão*, a capacidade de persuadir consiste na “[...] busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia” (CITELLI, 2005, p.14).

No nosso caso, o PROAV busca mecanismos para persuadir (não necessariamente no sentido negativo) a população que o recebe, fazendo-a crer que as atividades e mensagens que

traz são importantes para a coletividade. Os signos lingüísticos - que são os códigos verbais através dos quais nos expressamos - adotados nas práticas comunicacionais são os responsáveis pelo caráter maior ou menor de influência ideológica sobre a comunidade. Toda a comunicação fica mediada pela unidade do signo e “[...] o modo de articulá-lo, organizá-lo, poderá direcionar o discurso, inclusive do seu maior ou menor grau de persuasão” (CITELLI, 2005, p.27).

De acordo com o pensamento de Bakhtin, não podemos pensar essa unidade chamada signo isoladamente. Um signo nasce e se desenvolve mediante um contexto social, cultural e histórico. Como afirma Bakhtin,

[...] O signo só pode ser pensado socialmente, contextualmente. Deste modo, cria-se uma relação estreita entre a formação da consciência dos sujeitos e o universo dos signos. Só podemos pensar a formação da consciência a partir desse prisma derivado do embate entre os signos (BAKHTIN apud CITELLI, 2005, p.30).

A combinação de signos diversos, cada qual com seu *significante e significado*², se torna responsável pela construção ideológica dos discursos, dentre eles o religioso. A credibilidade trazida pela fala de caráter institucional do PROAV confere ao conteúdo da mensagem por este transmitida um aspecto de verdade incontestável. Outros fatores colaboram para essa imposição ideológica como, por exemplo, o fato de o grupo ser formado por jovens universitários (ou seja, a “elite intelectual”) e estes serem, em sua maioria, provindos da classe média, visto que pagam uma taxa consideravelmente alta (R\$ 250,00) para integrarem o Projeto.

Sabemos que para que se realize um trabalho de intervenção social, como é o do PROAV, as pessoas que o conduzem têm que conquistar a confiança da comunidade visitada. De acordo com Toro e Werneck,

O Produtor Social tem a intenção de transformar a realidade, tem certos propósitos de mudança e se dispõe a apresentar e compartilhar esses propósitos com as outras pessoas, que vão ajudá-lo a explicitá-los, ampliá-los e, é claro, a alcançá-los. Para isto ele precisa ter uma certa legitimidade [...], senão é difícil que ele consiga a credibilidade necessária no primeiro momento. Ao longo do processo esta legitimidade vai crescer ou diminuir, refletindo a qualidade da sua gestão do processo. (TORO; WERNECK, 1997, p.39)

² Segundo Ferdinand de Saussure, todo signo possui dois lados: o significante e o significado. O significante é o aspecto concreto do signo, é a sua realidade material. O significado é o aspecto imaterial, o conceito que nos remete a determinada representação mental evocada pelo significante (CITELLI, 2005, p.24).

Todavia, todo esse processo de legitimação não significa que os membros da comunidade assistida recebem os participantes do Projeto e seu conjunto de atividades de maneira totalmente passiva. Apesar de os fatores apresentados acima exercerem forte pressão persuasiva, as pessoas da comunidade, justamente por apresentarem, enquanto comunidade, uma bagagem sócio-cultural e ideológica, nem sempre acatam os preceitos disseminados.

A observação participante das atividades realizadas durante o período do Estágio de Vivência nos permitiu perceber que muitas pessoas da comunidade recebem o trabalho do Projeto pensando em possíveis melhorias de vida que possam ser trazidas pela participação nas atividades. Algumas oficinas oferecem informações e técnicas para que os que dela participam possam, algumas vezes, lucrar através dos conhecimentos adquiridos. Um exemplo é a oficina de caixa d'água de ferro e cimento, que ensina a fabricar caixas d'água que podem ser comercializadas pelos cidadãos locais. Muitas pessoas que seguem os dogmas da Igreja Católica participam das atividades do PROAV sabendo ser este realizado por membros da Igreja Evangélica, e isso não necessariamente muda as suas concepções religiosas.

Citelli comenta a atuação do discurso institucional (salientando-se o das igrejas) na tentativa de persuasão e a sua forma de legitimação mediante um corpo de pessoas previamente crentes, ou não, em suas premissas:

A ponte por onde transita a mistificação da competência é a palavra, é o discurso burocrático-institucional com seu aparente ar de neutralidade e sua validação assegurada pela cientificidade. Afinal, quem afirma é o doutor, o padre, o professor, o economista, o cientista. Isso ajuda a perpetuar as relações de dominação entre os que falam *a e pela* instituição e os que são por elas falados. Os segundos, sem a devida competência, ficam entregues a uma espécie de marginalidade discursiva: um reino do silêncio, um mundo de vozes que não são ouvidas (CITELLI, 2005, p.43).

Não obstante, esta e quaisquer outras práticas de persuasão só são possíveis através do exercício de poder. Esse poder não necessariamente tem a ver com o poder político estatal, ou com o poder econômico dos grandes detentores de capital. O signo poder, por si só, não se traduz em uma coisa ou objeto que se possa mensurar, medir ou analisar. De acordo com Michel Foucault, em seu livro *Microfísica do Poder*, “[...] o que aparece como evidente é a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e atuação eficaz” (FOUCAULT, 1979, p.11). Foucault considera a existência de micro-poderes que podem, ou não, se relacionar com o poder estatal, e são exercidos nas várias esferas da sociedade, influenciando gestos, atitudes, hábitos, comportamentos, pensamentos e formas de organização coletiva.

A idéia de Foucault é deslocar a análise do poder de um campo macro (poder estatal) para um micro (micro-poderes), o que não significa minimizar o papel do Estado na rede de exercício do poder, mas mostrar que relações de poder que perpassam todas o tecido social transcendem o Estado e o complementam. Este estudo das micro-relações de poder, denominado por Foucault de *genealogia*, tem como princípio demarcar os mecanismos e técnicas de poder que estão intimamente relacionados com a produção de determinados saberes, como por exemplo, as noções sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura, etc. (FOUCAULT, 1979). Além dessa demarcação de micro-poderes, o autor estabelece relações entre essas formas locais de exercício de poder com o âmbito macro, o nível mais abrangente de poder representado pelo aparelho estatal.

Roberto Machado comenta que da mesma maneira que Foucault elucida tais relações de poder e seu caráter descentralizado, deixa claro que qualquer esforço de luta contra seu exercício não se pode dar fora dessa máquina social que se dissemina por todos os vieses da estrutura social:

[...] Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações e forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. Foucault rejeita, portanto, uma concepção de poder inspirada pelo modelo econômico, que o considera como uma mercadoria. E se um modelo pode ser elucidativo de sua realidade é na guerra que ele pode ser encontrado. Ele é luta, confronto, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha ou se perde (MACHADO apud FOUCAULT, 1979, p.15)

As instituições em geral representam um fator de exercício de poder na sociedade. De acordo com Martín-Barbero, a *institucionalidade* tem sido, desde sempre,

[...] uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias -, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-construir permanentemente o social [...] (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.17).

Percebemos a atuação desses micro-poderes na análise da atuação do PROAV. O principal tipo de poder em questão é o *simbólico*. Através da construção e veiculação de conteúdos simbólicos, os integrantes do Projeto tentam transmitir seus preceitos ideológicos à comunidade. Por meio de técnicas mais ou menos explícitas, o trabalho sócio-ambiental carrega consigo uma carga de ideologias ligadas à religião evangélica. Porém, nem sempre

essa intenção persuasiva é claramente percebida, como aborda Luís Mauro Sá Martino, no livro *Mídia e poder simbólico – um ensaio sobre comunicação e campo religioso*:

Quase nunca na mídia institucional religiosa, no entanto, a imposição doutrinária é explícita. Servindo-se de casos concretos devidamente selecionados, os meios fazem crer na evidência das posições doutrinárias sem necessariamente explicitá-las. A aparência de objetividade informativa e a ‘indiscutibilidade’ do real escondem a seleção temática, léxica e estilística inerente ao processo de comunicação, legitimando-a pelas considerações do senso comum. (MARTINO, 2003, p. 9)

Mesmo que a instituição religiosa não queira explicitar a todo o momento sua doutrina quando realiza um processo de intervenção, para nós que estudamos a comunicação social fica um pouco mais fácil perceber que nas entrelinhas de todas as mensagens, sejam de cunho social, cultural ou educativo, há disseminação ideológica. Todavia, a sutileza da informação não a torna menos poderosa. A Igreja busca reconhecimento por parte da população, o que irá legitimar seu discurso, como salienta Martino:

A instituição, finalmente, necessita reconhecimento social de sua existência e de suas atividades. O grau de legitimidade de uma instituição, num determinado universo social, depende do grau desse reconhecimento. A legitimidade institucional depende não só do reconhecimento interno, de membros da instituição, como também daqueles que a ela não pertencem. A legitimação dá razão à ordem institucional, justifica suas regras e faz crer na pertinência de sua hierarquia interna. (MARTINO, 2003, p.23)

A partir desse reconhecimento a instituição consegue implantar seu trabalho carregando de seus princípios dogmáticos os conteúdos simbólicos que já mantém seus integrantes unidos em torno de um objetivo comum através de um *poder coercitivo*. Esse poder, ainda segundo Martino, acaba por representar uma violência, mesmo que não física, mas ideológica. Para o autor, “[...] o poder coercitivo é sempre uma violência, sob qualquer forma de manifestação, pois condiciona o indivíduo a um comportamento que segue os padrões de expectativa do grupo [...]” (MARTINO, 2003, p.23). Quando decide por seguir uma religião, “[...] no espaço de comunhão ideológica o fiel encontra-se livre para expor sua fé, suas crenças e suas interpretações, desde que estejam de acordo com a ideologia da instituição” (CITELLI, 2005, p.27).

Um dos muitos exemplos de como ocorre essa influência exercida pelo Projeto é a oficina de reciclagem, que será abordada com mais detalhes no capítulo seguinte. Os universitários voluntários ensinam técnicas de reciclagem a alunos de escolas públicas da cidade e, no final da oficina, destacam a importância de se reciclar também o coração e os

pensamentos, conforme os mandamentos deixados por Jesus Cristo. Observamos que onde, normalmente, não teríamos um cunho religioso, se consegue encontrar um espaço para a disseminação ideológica.

As discussões acerca da importância das religiões não são recentes. Muitos pensadores como Max Weber, Karl Marx, Ludwig Feuerbach e Engels, por exemplo, teorizaram a respeito do papel da religião nas sociedades. Para Weber, a religião funciona não somente para dar um sentido à vida, mas para orientar as ações sociais. Segundo o autor, “[...] a religião [...] atua na definição das ações sociais individuais, fornecendo aos agentes o procedimento ético, portanto legítimo, de ação em um determinado espaço social” (WEBER apud MARTINO, 2003, p. 39).

Marx toma a religião por um viés materialista. Segundo o autor, a religião é “[...] apenas um tipo de alienação que como tantas garante e legitima uma dominação de classes no sistema capitalista [...]” (MARX apud MARTINO, 2003, p. 41). Marx afirma ainda que, concretizadas e legitimadas a partir da instituição das Igrejas, as religiões nascem com o fim de “[...] desempenhar um duplo papel negativo: primeiro, ‘desviar’ a atenção dos oprimidos das suas condições para buscarem uma consolação ‘mais elevada’ e, segundo, garantir aos opressores um instrumento de poder-extraordinário” (MARX apud BELLO, 1998, p.165). A posição de Marx é contestada por Angela Ales Bello, pois a autora considera que “[...] a redução do fenômeno a termos meramente sociais não permite resolver todas as dificuldades e todos os obstáculos” (BELLO, 1998, p.167).

Ludwig Feuerbach, em seu estudo sobre a religião cristã, analisa os atributos dados a Deus e afirma que “[...] cada adjetivo pode ser redutível àquilo que nós desejaríamos ser e constatamos que não somos, ou quando afirma que o cristianismo é a religião mais enganadora porque toca uma corda profunda do ser humano: o seu desejo de ser amado [...]” (FEUERBACH apud BELLO, 1998, p. 165).

Em discordância com a teoria de Marx, Engels analisa o fenômeno religioso e elucida que “[...] nem sempre a religião foi um simples reflexo de causas econômicas. Seria inútil buscar causas econômicas para as religiões naturais, uma vez que estas mesmas estariam na origem do fraco desenvolvimento econômico desse momento histórico” (ENGELS apud MARTINO, 2003, p. 41).

Levando-se em consideração essas estratégias tomadas pelas instituições religiosas a fim de levarem à frente as suas premissas, bem como as poucas alternativas de questionamento oferecidas aos que recebem as mensagens, podemos dialogar com o pensamento de Citelli na medida em que o autor comenta essa falta de interação entre emissor e receptor. Segundo o

autor, “[...] enquanto no discurso dos homens se abre a possibilidade de ocorrer uma reversão no processo comunicativo (emissores e receptores podem interagir), no discurso religioso tal procedimento se torna impossível” (CITELLI, 2005, p.62). A presença onipresente, onipotente e onisciente da figura de um Deus torna a interação praticamente impossível, pois estaríamos discutindo com Deus, não com uma pessoa comum, passível de questionamentos.

Entretanto, para conseguir seu principal objetivo, que é o de converter fiéis à religião professada, não basta apenas discursar sobre as premissas e mandamentos religiosos. Para que alguém se converta a qualquer religião é necessário que essa pessoa vislumbre as reais vantagens que são “oferecidas” àqueles que decidem crer em uma corrente religiosa. A instituição religiosa, segundo Durkheim, em busca de maior legitimidade perante a sociedade, passa a imagem de que o fiel que entra em contato com seu Deus

[...] não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades de existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, sob qualquer forma, aliás, que ele conceba o mal (DURKHEIM apud MARTINO, 2003, p.36).

Na contemporaneidade, as religiões têm trabalhado arduamente para ganharem espaço na vida agitada e repleta de compromissos dos indivíduos. O crescente desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, dos meios de comunicação, trouxe para as instituições religiosas a possibilidade de estender a um público cada vez maior as suas concepções. Como explica Martino, os conteúdos simbólicos que as religiões veiculam através da mídia são produtos que buscam, como todas as outras mercadorias da sociedade capitalista, um público consumidor. Dessa forma, “a religião é considerada um conjunto simbólico distribuído via mídia, assim como qualquer outro faz o mesmo uso do espaço da imprensa para disputar a hegemonia na sociedade civil” (MARTINO, 2003, p. 9).

Martino explica a relação entre mídia e religião como sendo de interdependência. Não é possível se pensar esta relação sem compreender antes o papel desempenhado por cada uma das partes no processo. Segundo o autor, “[...] as mudanças nas formas institucionais de religião levam à necessidade de uso da mídia como estratégia de garantia de existência, ao mesmo tempo que a mídia gera novas demandas de trabalho simbólico das instituições religiosas” (MARTINO, 2003, p.14).

O trabalho de perpetuação dos valores e preceitos religiosos - importantíssimo para a manutenção das instituições - que antes era realizado pela tradição, pela oralidade, hoje é transmitido 24 horas por dia por emissoras de rádio, televisão, páginas eletrônicas, jornais

impressos, dentre outros meios. Não estamos afirmando, contudo, que os meios de comunicação são os únicos atores no palco das relações sociais e de construção simbólica. Como explica Martín-Barbero, devemos apenas

[...] reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o *pensamento único* que legitima a idéia de que a tecnologia é hoje o 'grande mediador' entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.20).

No mundo mediado pela ação dos meios de comunicação de massa, os indivíduos perdem parte da consciência de seu poder de ação social, já que a realidade começa a ser enxergada sob um novo paradigma, chamado por Muniz Sodré, em *Antropológica do espelho*, de *bios virtual*, uma hipótese em que a mídia não é encarada como mera transmissora de conteúdos simbólicos, mas como uma forma de vida, uma nova esfera onde se tecem as relações entre os indivíduos e destes com o meio onde vivem. Essa nova forma de ver a realidade, que vem se expandindo cada vez mais com as mídias digitais implica, segundo Sodré, em uma também diferente maneira de constituição das identidades. (SODRÉ, 2002).

Essa hipótese – a do *bios virtual* – indica que o sujeito inserido nessa forma de vida começa a perceber as relações através dos media e acaba por sofrer uma atomização. Diante disso, podemos estabelecer um vínculo com o pensamento de Guy Debord que, em seu livro *Sociedade do Espetáculo*, ressalta que a mídia cria uma realidade própria, mediando as relações sociais através de imagens, as quais ocupam o lugar que antes era do diálogo interpessoal, produzindo um distanciamento entre os indivíduos (DEBORD, 1997). Segundo Debord,

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato [...] (DEBORD, 1997, p.18).

Várias particularidades da vida social são transformadas em mercadoria a ser consumida, e com a religião não é diferente. Citelli afirma que a sobrevivência das religiões no mundo atual está intimamente ligada com as suas estratégias de disseminação simbólica. Todos sabemos que, antigamente, existiam bem menos denominações religiosas e, portanto, bem menos opções no *menu* de religiões a serem seguidas pelos fiéis. Sobretudo na religião

cristã evangélica, a cada momento surge um grupo de denominação diferente, com práticas e valores peculiares. Algumas, inclusive, oferecem àqueles que quiserem fazer-lhes uma visita, sessões de “limpeza espiritual”, prometendo mudanças em suas vidas, de uma maneira simples e quase instantânea. Dessa forma, a fala do líder religioso

[...] reduz a complexidade social, permitindo o domínio subjetivo de uma sociedade fragmentada e funcionalmente estratificada. Ao oferecer ao fiel a ‘palavra’, a ‘boa interpretação’ dos fenômenos, a instituição religiosa facilita a inteligibilidade da vida social (MARTINO, 2003, p.35).

Ao considerar que sua visão sobre a vida e todos os seus fenômenos é a única correta, a instituição religiosa fere a identidade do indivíduo ou da coletividade que não compartilha as mesmas convicções.

Na contemporaneidade, a fragilidade das identidades é bastante discutida, devido à forte hibridização cultural a que estamos expostos. Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart discute os conceitos de identidade e se há, realmente, uma “crise de identidade” em um tempo em que as expansões do capitalismo, das telecomunicações, meios de comunicação de massa, do aprimoramento dos sistemas de transporte, dentre outros fatores, contribuem cada vez mais para o estreitamento espaço-temporal entre membros de culturas bastante diferentes e, ao mesmo tempo, mutuamente influenciadas em diversos aspectos.

Antigamente as identidades culturais eram bem definidas, separadas pelas fronteiras físicas e ideológicas entre os países. Na modernidade tardia, a pureza de raça e cultura passou a ser quase um mito. Segundo Hall, “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2004; p.8), e seu livro tem a intenção de “explorar esta afirmação, ver o que ela implica, qualificá-la e discutir quais podem ser suas prováveis conseqüências” (HALL, 2004; p.8).

O autor deixa claro desde as primeiras páginas do livro, que suas afirmações não devem ser entendidas como verdades absolutas, visto que conceitos trabalhados, como o de identidade, principalmente, envolvem muitas opiniões divergentes até mesmo dentro da ciência social contemporânea, devido à sua complexidade.

Para alguns teóricos, as identidades modernas estão entrando em colapso, devido a mudanças estruturais ocorridas nas sociedades, gerando uma modificação nos conceitos de raça, sexualidade, etnia, dentre outros. Essa descentração - termo utilizado por Hall - faz com que os indivíduos entrem em crise de identidade consigo próprios e com o meio social e

cultural onde vivem. A fim de melhor embasar o leitor acerca da discussão sobre o tema, Hall faz distinção entre três concepções de identidade: a identidade do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

A concepção sobre a qual foi erguido o sujeito do Iluminismo, baseava-se na idéia de que o homem já nascia com uma identidade intrínseca e que esta o acompanhava e evoluía com ele durante sua vida. Essa visão coloca o sujeito como único responsável pela formação de sua identidade. Alguns movimentos como o Protestantismo, o Humanismo Renascentista e o Iluminismo, desligaram, pelo menos parcialmente, o homem das instituições que antes ditavam sua forma de agir e pensar e ajudaram a erguer uma concepção de sujeito pensante e realizador. Essa forma de pensar foi tomada por Descartes ao desenvolver sua teoria do “sujeito cartesiano” (como ficou conhecido), com a famosa frase: “Penso, logo existo”. O indivíduo passou a ser visto como soberano, mais importante individualmente do que inserido nas práticas coletivas (por exemplo, a igreja). Até o século XVIII conseguia-se pensar o sujeito como centro das práticas sociais, mas com o advento da industrialização e à medida que a sociedade passou a se tornar mais complexa, essa visão teve de ser repensada (HALL, 2004).

Já a identidade do sujeito sociológico era pensada sob uma perspectiva de interatividade entre homem e sociedade em que vive. . Dois fatores foram fundamentais para essa nova visão: a biologia darwiniana, que inseriu e classificou o homem dentro da natureza, e o surgimento das novas ciências sociais, como a psicologia e a sociologia, que têm como objeto de estudo, respectivamente, o homem e as relações entre homens e sociedade e sua influência recíproca. Dessa forma, as mútuas trocas sócio-culturais decorrentes da relação homem-meio seriam responsáveis pela formação do “eu” do sujeito sociológico, ou seja, sua identidade (HALL, 2004).

Esse processo de troca é que muda, com a pós-modernidade. A cultura nacional já não é mais uma instituição pura, fixa e imutável. Vemos, ao contrário, cada vez mais as apropriações de traços de uma cultura por outra, o sincretismo cultural que acaba por originar o sujeito pós-moderno. A identidade desse sujeito, então, ganha mobilidade de acordo com as experiências que estruturam nossa trajetória, e não mais são relacionadas diretamente com o país, povoado ou sociedade onde nascemos. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2004; p.13).

A questão da identidade também está intimamente relacionada com o processo de globalização, que proporciona às sociedades modernas, constantes e cada vez mais rápidas mudanças nos meios de produção de bens materiais e simbólicos, bem como sua circulação.

Esse processo afeta também as relações interpessoais e sociais, que não são mais guiadas somente pela tradição e por laços de sangue, religião ou nacionalidade, como era de costume das sociedades tradicionais. Nas sociedades modernas, há também a alteração do conceito de espaço e tempo, através do distanciamento simbólico proporcionado, por exemplo, pela evolução dos meios de comunicação de massa.

O contato com outras culturas – ou com outras religiões, no presente caso –, seja este presencial ou através da mídia, torna as sociedades da modernidade tardia, um misto de identidades, muitas vezes mais construídas sobre fatores externos do que internos àquela sociedade. Não há mais uma única regra para estabelecer o certo e o errado em se tratando de identidade. A mesma pessoa pode assumir diversos papéis dentro de um grupo e modificá-las no decorrer de sua vida e de acordo com suas experiências e trocas culturais.

Esta questão de formação de identidade, segundo Hall, influencia também na estrutura política das sociedades. Devido a uma identificação pessoal com a identidade de outra pessoa, fazemos escolhas e formamos diversas opiniões, como por exemplo, em quem votar nas eleições, quem considerar inocente em um julgamento, quem apoiar em uma manifestação política ou social. Nos inserimos em grupos de interesse de acordo com a concepção que temos de nós mesmos, e a partir daí, com a impressão que temos das outras pessoas.

O autor estabelece cinco fases desse descentramento do sujeito, que gerou a concepção de sujeito pós-moderno, quanto à sua identidade. A primeira fase diz respeito ao pensamento marxista, que prega a dependência do indivíduo em relação à bagagem histórico-cultural que lhe é transmitida por seus antepassados. O sujeito não são os únicos e exclusivos “autores” de sua própria história.

A segunda fase vem com a descoberta, por parte de Freud, do inconsciente. A identidade do sujeito, para Freud, se constrói não a partir de uma essência interior do indivíduo, – como era pensado por Descartes – mas através de processos inconscientes. Desde o nascimento, todos nós construiríamos nossa identidade baseados em “espelhos”, que são as referências simbólicas em relação à língua, à cultura, à religião, à sexualidade. Esses espelhos seriam os nossos pais, primeiramente, e o grupo em que somos inseridos.

A terceira fase está associada com o trabalho de Ferdinand Saussure. Para ele, a identidade do sujeito é estruturada tomando como base sistemas já pré-estabelecidos, como a língua, por exemplo. Portanto, o indivíduo não pode ser autor dos significados expressos pela língua, visto que esses significados preexistem a ele.

A quarta fase consiste no pensamento de Foucault, o sujeito está constantemente submetido ao que se chamou de “poder disciplinar”. Este poder seria imposto por instituições

como “oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante” (HALL, 2004; p.42). Assim, o homem teria vontades e ações individuais, mas sempre atreladas a essas formas de controle.

A quinta (e última) fase diz respeito ao impacto do feminismo na sociedade dos anos 60. Ressaltando a posição inferior que as mulheres tiram na sociedade e tentando brigar contra isso, o movimento feminista acabou por contestar outras questões, como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a diferença sexual.

A partir dessas fases de descentramento, Hall fala sobre a cultura nacional, como uma comunidade imaginada. Principalmente nas sociedades tradicionais, a cultura nacional era um alicerce sobre o qual se construía todo um modo de pensar e agir. O sentimento de pertencimento a uma nacionalidade específica, uma cultura específica e inalienável, dava ao indivíduo a certeza de ter uma identidade cultural concreta e totalmente enraizada. A cultura nacional funcionava como uma teia que unia todos os membros de uma nação em torno de um objetivo central: o de preservar as tradições do passado e levantar a bandeira da cultura nacional. Hoje, devido à globalização, essa cena se modificou.

Nesse contexto, Rousiley Maia e Maria Ceres Pimenta Spínola Castro comentam que

[...] ‘A identificação territorial’, tradicionalmente vinculada à cidade e à nação, por exemplo, cede lugar hoje em dia a identificações de outras naturezas, nas quais os meios de comunicação têm importância decisiva. A identidade, por sua vez, é hoje bem menos estável, fixa, enraizada. De fato, é vista como algo a ser vivida livremente, constituída pelos indivíduos na multiplicidade de realidades culturais pelas quais trafegam. Nessas circunstâncias, os laços de fraternidade, de solidariedade se esvaziam ou se pluralizam ao extremo. Além disso, muitas pessoas não necessitam de uma comunidade para lhes garantir boas condições de sobrevivência, isso sendo percebido como responsabilidade e conquista individuais (MAIA; CASTRO, 2006, p.184).

A globalização, em termos abrangentes, é um processo que encurta as relações entre os membros de diversas sociedades diferentes, fazendo com que as trocas simbólicas e culturais se dêem de forma cada vez mais constante e facilitada. Como foi supracitado, a evolução e modernização dos meios de comunicação de massa contribuíram substancialmente para esse processo. Hoje as religiões se utilizam cada vez mais dos meios de comunicação para expandirem seu número de seguidores.

Hoje se torna até mesmo difícil dizer que se tem um estilo próprio, visto que, na maioria dos casos, esses estilos são oferecidos pela moda, pela televisão, por todo o sistema complexo que Adorno e Horkheimer definiram como “Indústria Cultural”. Os grupos hegemônicos projetam seus costumes e valores para serem consumidos, de forma massiva e

constante. Os valores e concepções individuais então a cada dia mais se rendendo às imposições do grupo, para gerar uma sensação de pertencimento.

Em sentido contrário, pode-se também observar um movimento contrário, de reafirmação de identidade, de retorno às tradições, através de formações de tribos, grupos de resistência à globalização e à modernidade, grupos fundamentalistas, dentre outras manifestações. Dessa forma, o autor propõe três hipóteses: a identidade do sujeito pós-moderno estaria sendo destruída, ou estaria em processo de re-afirmação, ou ainda, estaria em uma fase de re-invenção.

De qualquer forma, o que vemos é que, certamente, o indivíduo que vive a pós-modernidade não é mais o mesmo das sociedades tradicionais. Isso é fato e parece até um tanto redundante. Em uma época em que os conteúdos simbólicos são produzidos, reproduzidos e, ao mesmo tempo, descartados de forma extremamente rápida e em grandes proporções, estamos sujeitos a um grande bombardeamento de informações que podem servir tanto para nos situarmos melhor neste mundo globalizado, ou então para nos perdermos de vez. O excesso de conteúdo pode gerar, um pouco paradoxalmente, um processo de alienação, uma vez que temos a sensação de que sabemos muito, mas na verdade, não sabemos coisa alguma, pelo menos de maneira completa. Nós não construímos nossas convicções sozinhos, mas baseados em uma gama simbólica adquirida não mais apenas através das relações interpessoais, mas também pela mídia. Segundo Citelli, a nossa opinião sobre os acontecimentos “quase sempre resulta dos cruzamentos antes referidos, muitos deles pouco percebidos, outros nem sequer identificados, mas presentes neste enorme fluxo representado pelas formações discursivas e seus múltiplos envolvimentos [...]” (CITELLI, 2005, p.37).

Daí a importância de se identificar as formas como discursos dominantes, por exemplo os institucionais – caso do PROAV – se utilizam dos meios de comunicação para “formar muitas das convicções, opiniões, crenças que manifestamos” (CITELLI, 2005, p.39). No próximo capítulo faremos a descrição das atividades realizadas no campo pelo PROAV, a fim de se compreender melhor, na prática, como ocorre essa influência simbólica.

3- Capítulo II

As três principais vertentes: um mapeamento das práticas do PROAV

Este capítulo, essencialmente descritivo, tem como objetivo explicitar melhor e mais claramente as três principais vertentes da atuação do Projeto Água Viva (PROAV) - a sócio-cultural, a educativa e a religiosa - bem como as técnicas comunicacionais empregadas na realização do trabalho. Delimitamos essas três vertentes através de observação participante e entrevistas sobre o funcionamento do Projeto. Apoiados nos conceitos discutidos no primeiro capítulo, analisaremos as práticas do PROAV nas comunidades assistidas, bem como sua influência na vida da coletividade.

3.1- Da preparação do trabalho:

Cada viagem do PROAV é resultado de um período de preparação para que se realize o trabalho no campo. A coordenação do Projeto recebe as inscrições de vários jovens voluntários, principalmente seguidores de alguma igreja evangélica, com quem iniciam um período de treinamento. O número de inscritos varia a cada edição e, segundo João Tinoco Pereira Neto, coordenador do Projeto, nem a metade dos inscritos chegam a viajar, pois muitos desistem durante o treinamento.

Um dos motivos pelos quais acontece essa desistência é o grau de seriedade na execução do trabalho. Desde o início os voluntários são informados que não irão viajar a passeio, mas a trabalho. Uma rotina que, no campo, se inicia todos os dias às seis e meia da manhã e só termina por volta das 22 horas. Além disso, são exigidos padrões rígidos de comportamento, que podem ser observados nas “Regras de Convivência”³.

Durante o treinamento são divididas equipes para desempenharem as diversas atividades, cujo cronograma está disponível neste trabalho⁴. São preparadas as palestras, as várias oficinas - caixa d'água de ferro e cimento, culinária, artesanato, fabricação de tintas com terra, apicultura - e, naturalmente, há a preparação espiritual, considerada por eles a mais importante, que consiste em leituras da Bíblia, agradecimentos e louvores através de canções evangélicas.

A coordenação do PROAV, durante os seis meses de treinamento, mantém contato com autoridades das cidades a serem visitadas, como, por exemplo, prefeitos, líderes

³ Ver Anexo 1.

⁴ Ver Anexo 2.

evangélicos, etc. Esse processo se dá para que seja preparada a visita do PROAV. São necessários alojamentos, voluntários para cuidarem da alimentação dos participantes do Projeto, material audiovisual (telão, projetores, caixas de som) para que sejam exibidos filmes, carro-de-som para a divulgação das atividades, espaço na rádio local, se houver, além da identificação de pessoas comprometidas a darem continuidade ao trabalho que o PROAV implanta na comunidade e direcionar as doações levadas pelo Projeto, bem como o dinheiro adquirido através de atividades como o bazar popular, do qual falaremos com mais detalhes no item 3.2. Ao final da viagem a Coronel José Dias, a Igreja evangélica local, juntamente com a Missão Suíça (missionários evangélicos vindos da Suíça para o Brasil) ficou encarregada de dar continuidade ao trabalho. A população das cidades visitadas não é consultada previamente para que sejam planejadas as atividades.

Este período que antecede as viagens funciona também como um espaço de convivência, para que se forme não só um grupo de trabalho, mas de amigos que vão a campo para participarem do Estágio de Vivência. Toda a estratégia de comunicação e o discurso ideológico utilizado no treinamento, através das dicas e conhecimentos passados aos estudantes pela coordenação do PROAV, servem para dar coesão ao grupo, unir os pensamentos de todos em busca de um objetivo comum, como acontece nos processos de mobilização social, enfocados por Toro e Werneck⁵.

3.2- Vertente sócio-cultural:

Desde a sua primeira edição, o PROAV leva às comunidades carentes visitadas diversos tipos atividades que compõem o quadro de suas práticas sócio-culturais. Como já explanado no capítulo anterior, as técnicas comunicacionais são o vetor através do qual são disseminados os conteúdos simbólicos envolvidos em cada tipo de atividade. A seguir serão analisadas as atividades de maneira separada, a fim de se compreender mais claramente o uso dos meios de comunicação em seu exercício.

3.2.1- Oficinas:

As chamadas “Oficinas” são espécies de “mini-cursos profissionalizantes”, nos quais a população se inscreve e participa no dia e horário estabelecidos pela equipe do Projeto. Foram

⁵ Ver Introdução e Capítulo 1.

ministradas, nesta última viagem, oficinas de artesanato, culinária, apicultura, reciclagem, caixa d'água feita de ferro e cimento e fabricação de tintas com terra. Todas as oficinas foram divulgadas por meio de carro-de-som, visitas às casas e através de programas na rádio local que, durante a estada do Projeto na cidade, se colocou à disposição para veicular a programação apresentada pelos organizadores. Percebemos que a comunicação se dá de diversas maneiras, tanto oralmente quanto utilizando os meios de comunicação.

Durante algumas oficinas, não há um intercâmbio efetivo de conhecimentos, pois na grande maioria das vezes, os universitários repassam conhecimento acadêmico e pouco escutam a população, que ocupa o posto de apenas receptora de todo o conteúdo preparado pelos mentores do projeto. Apesar da nítida boa intenção do Projeto, que é a de colaborar com a comunidade, a efemeridade com que isso ocorre traz a ilusão de que a população aprendeu em duas semanas ou, no caso das oficinas, em um dia, mais do que teria aprendido durante anos.

3.2.2- Bazar:

O bazar é uma das atividades mais interessantes de se observar a disfunção que há entre a intenção do PROAV ao realizar o trabalho social e o comportamento da comunidade.

Durante o período de preparação da viagem são arrecadados, ainda em Viçosa, vários artigos de vestuário, tanto novos quanto usados, que são dispostos em forma de bazar e vendidos a preços simbólicos – por exemplo, um par de sapatos por R\$ 0,50 – para a população.

Desde o primeiro dia de funcionamento do bazar, as pessoas formavam filas enormes que acabavam por se tornarem grandes tumultos na porta da Igreja Presbiteriana local, onde funcionou o bazar. Os preços populares estabelecidos tinham o objetivo de proporcionar, às pessoas de baixo poder aquisitivo, a chance de se vestirem melhor, mas a população não pensava dessa forma. Muitas pessoas adquiriam as peças para revenderem em seus bairros por um preço mais alto, com o objetivo de obter lucro pessoal.

Toda a renda do bazar foi doada à Igreja Presbiteriana local para que fosse investida em obras para a melhoria de sua estrutura. Consideramos que, se o dinheiro arrecadado é proveniente da comunidade, este deveria ser revertido em melhorias que a beneficiassem como um todo, e não apenas a um grupo de pessoas.

3.2.3- Cuidados com a saúde e higiene:

Neste grupo de atividades incluímos o atendimento médico, realizado por um médico missionário que integrou a equipe do PROAV. O atendimento era feito tanto em domicílios, quanto no posto de saúde local. Foram feitas, gratuitamente, pequenas intervenções cirúrgicas, além de curativos e consultas a pessoas de todas as idades.

Outras duas atividades que integram este grupo são o corte de cabelo e a medição de pressão arterial, realizados em conjunto, por integrantes do Projeto, em uma das praças da cidade de Coronel José Dias. Todas as atividades são gratuitas e abertas à população.

3.2.4- Campeonato de Futebol:

O Campeonato de Futebol realizado pela equipe do PROAV envolveu cerca de 40 pessoas, além da torcida, que compareceu a todas as partidas.

De maneira simples – sem uniforme, alguns até mesmo descalços - os jogadores disputaram o troféu sem apelarem para a violência, o que, segundo os moradores locais, não é comum. De acordo com os organizadores do campeonato, foi possível disseminar a importância do trabalho em equipe, do respeito mútuo e o espírito de competitividade.

3.3- Vertente educativa:

O trabalho educativo é outro ponto forte do PROAV. Temas polêmicos e de utilidade pública são levantados pelos universitários participantes do Projeto e analisados, na maioria das vezes, à luz do pensamento da igreja evangélica. Este trabalho é realizado, principalmente, por meio de palestras e apresentações de teatro, que serão elucidados a seguir.

3.3.1- Palestras:

Vários temas são abordados nas palestras ministradas por universitários participantes do PROAV. As palestras são realizadas em escolas públicas locais, para estudantes do ensino fundamental e médio. Dentre os assuntos escolhidos podemos destacar:

- Cuidados com a água;
- Cuidados com o bebê;
- Lixo e reciclagem;
- Controle das principais doenças endêmicas da região, principalmente causadas por animais peçonhentos;
- Mídia.

Foi observado um grande interesse dos estudantes espectadores das palestras, principalmente porque, segundo alguns deles, foi a primeira vez que um grupo de pessoas apresentou tais conhecimentos acerca de temas que fazem parte do cotidiano de regiões como o semi-árido nordestino. Apesar de não haver uma consulta prévia à população para reconhecimento das suas principais necessidades, o PROAV se apóia em conhecimentos básicos sobre a situação do povo do sertão nordestino que, muitas vezes e independente do local onde se encontra, apresenta carências parecidas.

Vale destacar alguns pontos importantes no que diz respeito ao poder simbólico exercido pela comunicação durante as palestras. Como explicitado no Capítulo I, o simples fato de o discurso ser proveniente de uma instituição – a igreja – e ser proferido por estudantes universitários vindos da região mais rica do país, em termos econômicos, o sudeste brasileiro, já garante uma influência sobre os indivíduos que recebem a mensagem. Observa-se o poder simbólico relacionado aos níveis intelectual e econômico.

Todavia, o discurso utilizado nas palestras de Técnicas de reciclagem e na palestra sobre a Mídia merece atenção especial. Na palestra “Lixo e reciclagem”, os universitários ensinam como aproveitar o lixo doméstico, bem como alertam os estudantes locais sobre os cuidados com o lixo hospitalar, o nuclear, etc. Já na “oficina de reciclagem”, citada no item 3.2.1, os alunos das escolas públicas aprendem como transformar garrafas pet e outros materiais recicláveis em utensílios domésticos e brinquedos.

No entanto, o que observamos, no que diz respeito ao discurso ideológico, é o fato de, ao final da palestra sobre lixo e reciclagem, os voluntários destacarem a importância de se reciclar também “os sentimentos, o coração, as atitudes de acordo com os mandamentos de Jesus Cristo” (palavras dos palestrantes). A palestra passa então de utilidade pública para uma

pregação religiosa e disseminação de ideologias da Igreja Evangélica. Mais uma vez vale lembrar que, para os universitários, membros da Igreja Evangélica, isso significa uma grande ajuda para aqueles estudantes locais, mas essa atitude – a de propagar ideologia durante uma palestra escolar – pode não ser bem vista pela escola ou por muitos estudantes que, claramente, desviam sua atenção no momento em que começa o discurso religioso. Entretanto, para aqueles que não compactuam do mesmo pensamento, essa imposição ideológica pode ser encarada como um desrespeito às convicções alheias, pois mesmo que os estudantes não concordem ou não queiram ouvir aquela opinião colocada pelo PROAV, ficam sem escolha no momento em que são expostos à mesma.

Em relação à palestra sobre a mídia, que inclusive não foi ministrada devido a discordâncias dentro do próprio grupo, percebemos algumas distorções. Em consulta ao material preparado para ser explanado, percebemos que o universitário que se preparava para realizar a palestra pensava de uma forma equivocada acerca da atuação da mídia na sociedade. Não pelo fato de ser de outra área – o palestrante é estudante de Engenharia Florestal da UFV - mas por não ter qualquer estudo teórico sobre a atuação da mídia e da publicidade na sociedade, o possível palestrante preparara-se para dizer que a mídia em geral é uma corruptora de pensamentos, que só funciona para alienar a população, que “não é coisa de Deus”, esquecendo-se de que existem muitas formas de mídia, como as comunitárias, as mídias locais, e outros tipos de meios que realizam um trabalho sério, priorizando o interesse público. Até mesmo o anúncio de promoção na venda da esquina é um tipo de mídia que, no caso da palestra, seria desconsiderado.

3.3.2- Teatro:

Dentre as atividades do PROAV, uma das que mais chamam a atenção da população é o teatro. Por meio de encenações “mudas” com fundo musical, os universitários-atores abordam diversos temas, como, por exemplo, o uso de drogas, o alcoolismo, a violência doméstica, o aborto, o suicídio, dentre outros. Todas as interpretações seguem a mesma linha das outras atividades, ou seja, veiculam opiniões atreladas à visão que a Igreja Evangélica tem acerca desses temas que, em alguns casos, dividem opiniões na sociedade. As questões ligadas à prática do aborto, por exemplo, causam polêmica e representam um assunto que não é consenso entre os membros de uma coletividade.

3.4- Vertente religiosa:

A característica mais forte do PROAV é o seu caráter religioso. Através de diversas práticas, a ideologia da Igreja Evangélica é disseminada na busca por novos adeptos. Embora implicitamente às vezes, o poder ideológico da instituição religiosa, explicitado no Capítulo I, influi diretamente na vida cotidiana da população, por meio das atividades que, muitas vezes sob o véu do social, estão repletas de mensagens ideológicas. Dessa forma, o PROAV busca “[...] legitimação perante a sociedade, a fim de divulgar suas ideologias. Os bens em jogo são de duas espécies: os simbólicos, referentes à satisfação mental-espiritual, e os bens materiais, dos quais depende o funcionamento da instituição religiosa” (MARTINO, 2003, p. 11-12).

A seguir listamos as principais manifestações da vertente religiosa do Projeto.

3.4.1- Atividades com crianças:

Esta parte do trabalho do PROAV pode ser incluída nas três vertentes - a social, a educativa e a religiosa - visto que envolve elementos comuns a todas. A equipe responsável por realizar tais atividades reúne as crianças em algum espaço público – no caso da viagem a Coronel José Dias, foi utilizado o ginásio poliesportivo da cidade - onde realizam brincadeiras diversas, ensinam músicas bíblicas, doam brinquedos e estimulam as crianças a cuidarem de sua higiene, o que ocorre, por exemplo, na aula de escovação dental.

Após alguns dias de trabalho, algumas crianças foram entrevistadas no processo de confecção do documentário e afirmaram terem aprendido algo sobre Jesus, mesmo que nem mesmo soubessem explicar o que. Isso mostra a influência simbólica exercida inclusive sobre o público infantil.

3.4.2- Cultos:

Os cultos são a mais explícita manifestação das intenções religiosas dos participantes do PROAV. Como já é de conhecimento de todos, os cultos evangélicos envolvem muita música e, com a ida do Projeto à cidade de Coronel José Dias, esses encontros se tornaram mais animados e descontraídos, devido à presença de um grande público jovem e a execução

de músicas pelos integrantes do PROAV que, em sua maioria, cantam ou tocam algum instrumento musical.

Tanto os pastores quanto os fiéis locais receberam o Projeto com muita satisfação e admiração pelo trabalho que, segundo sua visão, é um “chamado de Deus”.

3.4.3- Banda:

Como já foi supracitado, a maioria dos universitários participantes da edição do PROAV em Coronel José Dias exibiam algum talento musical. Com isso, formaram uma banda que se apresentou em cultos e em uma festa da cidade, promovida, inclusive, pela Igreja Católica local. Com músicas de todos os ritmos – inclusive forró e pagode – e letras bíblicas, a Banda Água Viva animou a noite do município e trouxe um caráter ecumênico à festa.

3.4.4- Visitas às famílias:

Outro ponto forte da atuação religiosa do Projeto são as visitas às famílias, principalmente àquelas mais humildes. As pessoas residentes na cidade, muitas vezes, não têm documentos, são analfabetas e o índice de desemprego no município é muito alto.

Os integrantes do PROAV levam panfletos⁶ com mensagens religiosas e lêem a Bíblia para a família, destacando a importância de seguir uma religião, de acreditar em Deus e em Jesus Cristo, enfim, defendem seu ponto de vista ideológico junto às famílias residentes no município.

3.4.5- Filme “Jesus”:

A exibição do filme “Jesus” é, talvez, o ponto alto do Projeto. Muitas pessoas nunca haviam assistido a um filme com imagens daquelas proporções. Os olhos brilhantes de crianças e adultos denunciavam a sensação de, pela primeira vez, comparecerem a uma sessão de cinema.

⁶ Ver Anexo 3.

O conteúdo do filme exibido é a vida de Jesus Cristo, vista segundo a crença da Igreja Cristã Evangélica. Após o filme é feita uma explanação sobre o que foi assistido, com o objetivo de reforçar as mensagens transmitidas pelo filme.

Muitas pessoas comparecem às exibições trazendo as cadeiras e bancos de suas casas. Em entrevista durante o processo de confecção do documentário, algumas pessoas ressaltavam a importância da mensagem do filme e outras apenas julgavam interessante o fato de o cinema ter chegado à cidade de Coronel José Dias, mesmo que de forma “itinerante”.

4- Conclusão:

Diante dos fatos supracitados e através de fotos, filmagens e material de divulgação de viagens anteriores, percebemos que, apesar de a viagem a Coronel José Dias representar a quinta edição do PROAV, as atividades realizadas em todas as comunidades-alvo são praticamente as mesmas. Não só as formas de comunicação como também os temas abordados através delas se repetem, mostrando que não há uma diferenciação de conteúdos de acordo com a cidade visitada.

Não há dúvida de que a comunidade é beneficiada de alguma forma com o trabalho do Projeto, mesmo que alguns enxerguem o trabalho apenas como uma atração a mais que chega à cidade - como aconteceu nas exposições de filme - ou como uma forma de lucro pessoal - como no caso do bazar. Por meio da comunicação oral, a maioria das palestras e oficinas levou conhecimentos relevantes e importantes para o cotidiano da população.

Entretanto, não podemos considerar o Projeto Água Viva como sendo um processo de mobilização social que busca a democracia e participação popular. Percebemos uma falha no sistema de comunicação que, em um processo de mobilização, não deve ser unidirecional - no estudo de caso em questão, do Projeto para a comunidade - apenas levando conteúdos prontos. Seria necessário que as pessoas criassem maneiras de fortalecer seus laços de identidade enquanto membros de uma comunidade, denunciando suas carências enquanto grupo, seu desejo coletivo por melhorias.

Segundo José Bernardo Toro e Nísia Maria Duarte Werneck, a mobilização social, para ser entendida em seu real sentido, pressupõe

[...] uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente. (TORO; WERNECK, 1997, p.11-12)

Olhando por este ângulo, percebemos que o PROAV se assemelha mais com uma campanha ou um evento, do que com um processo real de mobilização social. Suas ações, apesar de bem intencionadas e bem aceitas pela maioria da população dos municípios visitados, não constroem, juntamente com os membros da comunidade, um plano de futuro, uma estratégia real de modificação da realidade vigente. Os membros da coletividade não são incitados a resgatar ou fortalecer suas tradições culturais, valorizar sua identidade.

A mídia comercial, em muitas ocasiões, trata a figura do nordestino de maneira caricata e preconceituosa. As peculiaridades de uma cultura tão rica quanto a nordestina merecem ser melhor enfocadas pelos meios de comunicação na contemporaneidade. Da mesma maneira que, no mundo, imperam os padrões ocidentais – tanto de alimentação, vestuário, beleza física –, no Brasil há o domínio dos padrões provenientes da região mais favorecida economicamente: a sudeste. Isso pode fazer despertar nos nordestinos uma busca pela inserção no grupo considerado “ideal”, e uma conseqüente crise de identidade, tão enfocada por Stuart Hall no Capítulo II.

Todos os moradores entrevistados no processo de confecção do documentário se disseram satisfeitos com a atuação do PROAV; ninguém levantou qualquer questionamento. As estratégias supracitadas de comunicação, propaganda ideológica e legitimação de discurso não despertam na população descontentamentos ou aversões, pelo menos explicitamente.

Utilizando os termos de Guy Debord, o Projeto utiliza a capacidade que os meios de comunicação têm de “espetacularizar” a vida cotidiana, as relações sociais e interpessoais que ocorrem na comunidade. Tudo se torna, pois, muito interessante, lúdico, prendendo a atenção da população às novas formas de apresentação dos discursos. Até mesmo as premissas religiosas têm seu lado de espetáculo, como, por exemplo, as exibições de filmes em praças públicas. Para muitos moradores locais, o advento do “cinema no bairro” vale mais do que a mensagem que é transmitida através do filme.

De qualquer forma, duas semanas de trabalho são muito pouco perto de toda uma vida de necessidades. As pessoas que foram atendidas pelo serviço médico oferecido pelo PROAV, por exemplo, melhoraram de suas enfermidades, mas de maneira efêmera. Quem olha por aquelas pessoas após a despedida do Projeto?

Podemos, portanto, finalmente concluir que o Projeto Água Viva utiliza os meios de comunicação e as estratégias da oralidade buscando, mesmo que despretensiosamente, não apenas o bem-estar da comunidade, mas seu próprio benefício como instituição religiosa, visto que a herança mais concreta que é deixada para a comunidade se resume ao número de fiéis que se convertem à Igreja Evangélica.

5- Bibliografia:

BELLO, A. A. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

CASTRO, M. C. P. S. ; MAIA, R. (ORG). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.
PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **O PNUD e seus objetivos**. [16 set. 2007]. (<http://www.pnud.org.br/pnud>)

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEAL, B. S. A comunidade como projeto identitário. In: MAIA, R; CASTRO, M. C. P. S. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 183-192.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

MARTINO, L. M. S. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalização**/ Raquel Paiva; prefácio à primeira edição: Muniz Sodré; prefácio à segunda edição: Gianni Vattimo. 2ª ed. Ver. E ampl.- Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PRADO, J. L. A. ; SOVIK, L. (orgs). **Lugar global e lugar nenhum: ensaio sobre democracias e globalização**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TORO A., J. B.; WERNECK, N. M. D. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Recursos hídricos e Amazônia Legal, Secretaria de Recursos Hídricos, Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior – ABEAS, UNICEF, 1997.

Anexo 1 – Regras de Convivência (fornecidas pela organização do Projeto):

1. Seja amável e dócil com as pessoas que nos recepcionarão. Aprenda com eles.
2. Procure ser pontual, evitando, desta forma, que o trabalho seja prejudicado por sua causa.
3. Ao embarcar suas bagagens no ônibus ou ao desembarcar, esteja atento com a aproximação de pessoas estranhas.
4. Nunca deixe suas coisas ao léu. O lugar dos seus pertences é no “seu cantinho”.
5. Procure ser exemplo no seu alojamento, mantendo suas coisas sempre e ordem.
6. No projeto não há espaço para brincadeiras como: esconder peças de roupas, ou sujar de pasta ou coisa similar. Isto não é um acampamento. O tempo é curto e o trabalho será árduo e sério.
7. Se você toma algum medicamento de forma contínua, não viaje sem ele, e nos comunique. Caso tenha algum problema de saúde (asma, rinite, alergia, etc.), também nos comunique.
8. Prime pela limpeza e higiene do nosso lar no Projeto Água Viva.
9. Se você chegar no alojamento e seus colegas estiverem dormindo, tenha cuidado, seja silencioso. Quando deitar à noite para dormir, respeite o colega.
10. Por medida de segurança, não faça lanches fora, evite comer em lanchonetes, evite comidas típicas que não esteja acostumado.
11. Por medida de segurança e para evitar constrangimentos, por alguma razão alheia à nossa vontade, mantenha seus documentos, talões de cheque e dinheiro sempre com você, em todos os momentos. Por favor! Mas lembre de levar dinheiro para despesas extras e emergências.
12. Anote as bênçãos num papel para não esquecer e no dia seguinte você poderá compartilhar.
13. Esteja sempre de bom humor. Nos casos extremos procure o líder de disciplina ou um dos coordenadores.
14. Sempre trate seu colega bem. “Amai-vos cordialmente”.
15. Não convide ninguém de fora para nenhuma das atividades internas da Equipe, muito menos para almoçar, lanche, etc.
16. Procure ser amigo(a) de todos, sem exibir preferências por um(ns) e detrimento dos outros.

17. Não murmure. A murmuração prejudica o seu estado de espírito, alimenta o descontentamento e não resolve problema nenhum.
18. Se lhe faltar alguma coisa ou acontecer algum inconveniente, não dê alarde, mas procure a liderança do projeto. Este será o melhor caminho para a solução do problema.
19. Cumpra da melhor maneira possível a sua escala de serviço diário.
20. É terminantemente proibido o namoro ou paquera (contato físico) entre os jovens da Equipe com os nativos. Os casais de namorados da Equipe devem evitar carícias e beijos durante os trabalhos. Não criem problemas para a coordenação.
21. Esteja sempre com a caderneta à mão para anotar aquilo que Deus lhe falar e as experiências por que passar.
22. É expressamente proibida a entrada de rapazes no alojamento feminino e vice-versa.
23. É proibida a entrada, na cozinha de qualquer pessoa que não esteja escalada para um serviço específico, como também fazer uso de qualquer alimento, que ali esteja, sem autorização dos responsáveis pela mesma.
24. Em nenhuma hipótese será permitido o uso de jogos nas nossas instalações ou nos alojamentos. Estamos em trabalho. Em nenhum momento devemos desviar a nossa atenção do trabalho, mesmo nos momentos de repouso.
25. Porte-se do melhor modo possível diante de Deus, da Equipe e do povo da cidade.
26. Ao precisar sair do local de hospedagem, peça permissão à liderança e nunca saia sozinho(a).
27. Nada justificará sua ausência a qualquer atividade da Equipe, exceto por enfermidade comprovada que exija repouso.
28. O tempo máximo de banho deve ser de 7 minutos. Lembre-se dos outros. Havendo racionamento de água, economize ao máximo. Lembre-se que estará no sertão.
29. Não estaremos num acampamento. Também não estaremos num “pic-nic”. Portanto devemos fazer trabalho de rua com roupas apropriadas para tais situações. Por isso é expressamente proibido (DEVIDO AO CONTEXTO CULTURAL) às mulheres o uso de shorts, bermudão (fora da casa onde ficaremos alojados), mini-saia, maquiagem acentuada calça baixa, umbigo de fora, etc. Aos homens roupas que demarquem o corpo, bem como camisetas cavadas e bermudas fora da casa onde ficaremos alojados. É proibido o uso de qualquer tipo de roupa escandalosa, sensual, provocante. Use o bom senso de não usar nada que venha prejudicar a boa imagem da Equipe perante a cidade. Se você só tem calça baixa, leve camisã para cobri-la.

30. Lembre-se que devemos obedecer àqueles que estão na liderança do Projeto, dando, assim, o exemplo de submissão que Jesus ensinou aos seus discípulos. Lembre-se que quem não sabe obedecer nunca poderá liderar.
31. Todos deverão comer aquilo que for servido, sem deixar de alimentar-se bem e sem desperdiçar comida. Não haverá menu especial para ninguém, a não ser em caso de recomendação médica/enfermidade.
32. Não aceite convite para refeições ou passeios sem que seja uma programação de todo o grupo. Socialize-se com todos os membros da equipe.
33. Respeite o momento de silêncio no ônibus que serão determinados. Mesmo durante o dia haverão momentos de silêncio por causa do descanso dos motoristas.
34. Caso você necessite de alguma concessão especial, tal como um período de descanso, procure a coordenação. Esta iniciativa poderá evitar mal entendidos junto aos demais participantes e à própria coordenação.
35. Nunca deixe de testar os equipamentos eletroeletrônicos bem antes do seu uso nas atividades do Projeto (você será devidamente responsabilizado por falhas dessa natureza).
36. No ato de qualquer “problema”, acalme-se, fale com amor, não discutir nem tumultuar o ambiente do grupo. Os problemas não devem sair dos grupos. Nos casos considerados graves, o líder do grupo pedirá uma reunião, em particular, com a Coordenação.
37. Observe criteriosamente os horários de cada atividade, o início e término dessas para não prejudicar as atividades conjuntas do grupo. Fique atento às eventuais mudanças de horário.
38. Será terminantemente proibido o vício de fazer “panelinhas” (se isolando dos demais membros do grupo, buscando atividades paralelas). O relacionamento com todos será salutar para o grupo.
39. Será terminantemente proibido visitas fora da “área de trabalho do grupo” (fazendas longínquas, zona rural), sem a expressa permissão da Comissão Organizadora. Evite insistir nessas propostas.
40. Pedimos cautela e prudência com relação à amizades consideradas exageradas com determinadas famílias locais, resultando em visitas excessivas e/ou contínuas, aceitação de convites para refeições (almoço, café, jantar) etc. Esta é uma hora em que o grupo deve estar junto, visto que são nossos momentos de comunhão, compartilhamento, avisos gerais e específicos. Não insista nessas práticas.

Anexo 2 - Cronograma das atividades do Projeto Água Viva:

OBS: Algumas atividades ocorrem concomitantemente, devido a existência de várias equipes.

Quarta-feira, 07 de março de 2007: Viagem de ida para Coronel José Dias.

Sexta-feira, 09 de março de 2007:

7h30: Chegada em Coronel José Dias;

8h30: Café-da-manhã;

9h: Orações;

9h30: Tour pela cidade;

12h: Almoço;

14h: Visitas às escolas locais, apresentação ao delegado, ao prefeito, ao dono da rádio local e visitas a famílias;

15h: Divulgação do Projeto através de carro de som;

18h: Orações;

18h30: Jantar;

22h: Hora de dormir.

Sábado, 10 de março de 2007:

6h30: Hora de acordar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Organização do bazar;

10h30: Coleta de terra para a oficina de tintas da terra;

14h: Encontro entre a coordenação do Projeto e o padre local e visitas às casas;

18h30: Jantar;

19h: Distribuição de folhetos com mensagens religiosas para a população;

20h: Orações;

22h: Hora de dormir.

Domingo, 11 de março de 2007:

6h30: Hora de acordar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Divulgação das atividades do Projeto utilizando o carro de som;

9h: Escola dominical na Igreja Evangélica local. Atividades bíblicas com as crianças da Igreja;

9h: Culto de apresentação do Pastor Andrade (novo pastor de Coronel José Dias);

12h: Almoço;

14h: Visitação às casas;

15h: Atendimento médico em domicílio;

18h30: Jantar;

19h30: Apresentação de teatro em escolas;

22h: Hora de dormir.

Segunda-feira, 12 de março de 2007

6h30: Hora de acordar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Bazar;

8h: Início da oficina de fabricação de tintas com terra;

8h: Atividade com crianças no ginásio poliesportivo;

8h: Programação na rádio;

12h: Almoço;

14h: Palestra sobre reciclagem;

14h: Programação na rádio;

14h: Atividade com crianças;

14h: Bazar;

14h30: Corte de cabelo;

16h: Medição de pressão arterial;

19h30: Exibição do filme “Jesus” no Bairro São Pedro;

Terça-feira, 13 de março de 2007

6h30: Hora de açodar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Bazar;

8h: Atendimento médico no posto de saúde;

8h: Continuação da oficina de fabricação de tintas com terra;

8h: Atividade com crianças;

9h: Apresentação de teatro em escolas;

12h: Almoço;

14h: Bazar;

14h: Palestras sobre cuidados com animais peçonhentos;

14h: Oficina de fabricação de caixa d'água de ferro e cimento;

14h: Distribuição de panfletos nas casas;

15h: Apresentação de teatro de fantoches em escola local;

18h: Jantar;

21h: Exibição do filme "Jesus" na praça da Igreja São José;

23h30: Hora de dormir.

Quarta-feira, 14 de março de 2007

6h30: Hora de açodar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Bazar;

8h: Visitação nas casas;

8h30: Continuação da oficina de fabricação de caixa d'água de ferro e cimento;

8h30: Atividade com crianças;

12h: Almoço;

14h: Bazar;

14h: Visitação no Bairro São Pedro;

14h: Continuação da oficina de fabricação de caixa d'água de ferro e cimento;

14h: Corte de cabelo;

16h: Medição de pressão;
16h: Oficina de reciclagem;
18h: Jantar;
18h30: Palestra sobre cuidados com animais peçonhentos;
21h: Apresentações de teatro e da Banda Água Viva na praça da Igreja São José;
23h30: Hora de dormir.

Quinta-feira, 15 de março de 2007

6h30: Hora de acordar;
7h: Orações;
7h30: Café-da-manhã;
8h: Bazar;
8h30: Visitação no Bairro São Pedro;
9h: Palestra para gestantes sobre cuidados com o bebê;
12h: Almoço;
14h: Bazar;
14h: Corte de cabelo;
16h30: Oficina de artesanato;
15h30: Palestra sobre comportamento em sala de aula;
18h: Jantar;
19h: Palestra sobre Cooperativismo;
19h30: Palestra sobre a Mídia (não ocorreu);
22h: Hora de dormir.

Sexta-feira, 16 de março de 2007

6h30: Hora de acordar;
7h: Orações;
7h30: Café-da-manhã;
8h: Bazar;
8h: Atividade de escovação de dentes com as crianças;
12h: Almoço;
14h: Bazar;

14h: Palestra sobre cuidados com a água;

18h: Jantar;

22h: Hora de dormir.

Sábado, 17 de março de 2007

6h30: Hora de açodar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Campeonato de futebol de salão;

8h: Oficina de apicultura;

12h: Almoço;

14h: Oficina de apicultura;

14h: Oficina de irrigação por gotejamento;

14h: Oficina de culinária;

18h: Jantar;

19h30: Culto na Igreja Evangélica;

22h: Hora de dormir.

Domingo, 18 de março de 2007

6h30: Hora de açodar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

9h30: Culto e escola dominical na Igreja Evangélica;

12h: Almoço oferecido pelo dono de um sítio, localizado em Coronel José Dias;

16h: Visita à Cerâmica Serra da Capivara;

18h: Jantar;

22h: Hora de dormir.

Segunda-feira, 19 de março de 2007

6h30: Hora de açodar;

7h: Orações;

7h30: Café-da-manhã;

8h: Visita ao Parque Nacional Serra da Capivara;

12h: Almoço;

14h: Visita ao Parque Nacional Serra da Capivara;

18h: Jantar;

22h: Hora de dormir.

Terça, 20 de março de 2007: Viagem de volta para Viçosa.

Anexo 3 – Exemplo de panfletos religiosos:

Palavra de Deus para você.



Convite especial

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Matheus 11.28-30

Palavra de Deus para você.



Boa Viagem, Amigo!

Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?

O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel.

O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita. De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua. O Senhor te guardará de todo o mal; guardará a tua alma.

VOCÊ QUER COMEÇAR UMA VIDA NOVA?



A Palavra de Deus nos ensina que os seguidores de Cristo devem viver uma vida diferente daquela que vivem as outras pessoas. O pecado não deve mais ter poder sobre aqueles que o seguem. Eles devem viver fazendo o bem. Veja o que a Bíblia ensina sobre isso:

Assim, quando fomos batizados, fomos enterrados com Cristo por termos morrido junto com ele. E isso para que, como Cristo foi ressuscitado pelo poder glorioso do

JESUS ABENÇOOU AS CRIANÇAS



Veja como Jesus recebeu e abençoou as crianças. Ele ainda quer receber e abençoar as crianças hoje.

Certa vez algumas pessoas levaram crianças para Jesus abençoar. Os discípulos de Jesus ficaram zangados com aquelas pessoas. Jesus não gostou de seus discípulos se zangarem e disse: Deixem que as crianças venham a mim! Não atrapalhem, porque o Reino de Deus é dos que são como as crianças. E lembrem-se disto: Quem não receber o Reino de Deus igual a uma criança nunca entrará nele! Em seguida, Jesus pegou as crianças em seus braços, pôs as mãos em cima delas e as abençoou (Marcos 10.13-16).